



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 117/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

DISCUTINDO CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Conversávamos no fim-de-semana sobre a inclinação da cultura brasileira para as artes e a literatura, a música em especial, e o bacharelismo como caricatura, enquanto outras culturas se aplicam primordialmente sobre a ciência e a tecnologia, citando-se sempre o caso dos Estados Unidos como exemplo mais notório do gosto pela máquina, pela invenção tecnológica em geral, até mais do que pela ciência pura, embora suas universidades sejam, hoje, os repositórios mais completos e avançados de pesquisadores da ciência pura. Thomas Edson, Benjamin Franklin e Graham Bell seriam protótipos do tecnólogo-inventor pragmático tipicamente americano, realizando invenções tecnológicas importantes num tempo em que os grandes centros da ciência ainda estavam todos na Europa. Havia como que uma compulsão de inventar a máquina disso, a máquina daquilo, no mesmo veio em que Henry Ford encarnou depois a figura do empresário-inventor.

É uma virtude maior, mais importante, essa das máquinas, do que a das artes, ou da filosofia? Para o desenvolvimento econômico, para o aumento da produtividade e da riqueza, sem dúvida nenhuma. Para a felicidade do ser, já não se pode dizer, embora o conforto propiciado pelas máquinas seja reconhecidamente um fator de redução das agruras da vida, e a produtividade delas uma fonte pujante de excedentes que tanto podem ser destinados ao ócio hedonista como à renda capaz de comprar a arte dos outros ou de acumular riqueza para fazer mais máquinas. Em favor das artes se poderia dizer que proporcionam aprazimento e encanto aos que as produzem e aos que as recebem, e inspiram filosofias mais humanísticas que enaltecem a contemplação e os valores afetivos e estéticos, oferecendo perspectivas mais simples e diretas de cultivo da felicidade. Diz-se, ainda, dessas culturas, que são menos indutoras de violência e de neuroses do que as sociedades mais tecnológicas. A conferir. Mas podem, ainda, as artes, ser usadas como moeda de troca para a compra das máquinas necessárias, como são também os produtos ditos supérfluos que deleitam os maquinistas: o café, o chocolate, o açúcar, o tabaco, as bebidas, as drogas, o ouro.

No fundo dessa diferenciação, que existe de fato, mas que hoje tende a ser desfeita ou reduzida pela globalização, no fundo está a velha dicotomia cultural que exhibe, de um lado, a inteligência pragmática e utilitarista dos anglo-saxões e, de outro, as filosofias mais especulativas e metafísicas da grande descendência judaico-greco-romana.

O Brasil se posta claramente nesta última vertente, de uma forma exacerbada pela forte influência animista da cultura africana, com seus ritmos e suas cores vivazes. Muita gente atribuiu a essas origens culturais o retardamento econômico do País. Eu já não vejo assim, mas inculpo muito mais as nossas elites senhoriais que, em vez de educar e aprimorar essa imensa força de trabalho africana que produzia tudo, gastava da forma mais irresponsável os enormes excedentes que os negros geravam com o açúcar, o café, o cacau, o ouro, ostentando um padrão de vida inútil, indolente e escandaloso, com o luxo importado da Europa, e depois da América do Norte. Se entre os nossos melhores literatos e músicos salientavam-se descendentes de escravos (Machado de Assis e José Maurício bastam como exemplos), quantas brilhantes vocações técnicas e científicas se terão perdido com a interdição aos escravos das escolas e oficinas? E depois, com as barreiras da realidade excludente, a vedação das universidades?

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 117/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

É uma boa discussão esta, que pode, sim, iluminar nossas perspectivas futuras. Pode melhorar a percepção dos efeitos e a orientação das políticas públicas de distribuição e de cotas nas universidades em todo o País. Como pode dar um novo olhar para novas políticas que vão sendo implementadas no Rio: o policiamento da paz e a escolarização das favelas, a grande disseminação do ensino técnico que está sendo feita, as clínicas de família e o centro universitário instalados na Zona Oeste, entre outras novidades que ajudam enormemente a tirar o Brasil do atraso e o Rio da decadência, além do petróleo.

Para equilibrar melhor as forças de motivação cultural da nossa gente, muito concentrada na música e no esporte, é de se admirar o programa de divulgação das ciências que vem sendo feito em nosso Estado, por exemplo, através de frequentes feiras da ciência em vários municípios, do museu de astronomia em São Cristóvão, do grande museu de ciências se construindo em Duque de Caxias. Extremamente animadora é a notícia da participação de 20 milhões de crianças e adolescentes (!) nas últimas olimpíadas de matemática organizadas pelo IMPA em todo o País.

Não temos que nos envergonhar de nossas inclinações culturais, mas é saudável o esforço para entronizar o apelo da ciência no seio da nossa juventude. Carlos Chagas e Oswaldo Cruz são dois símbolos capazes de ativar motivações para a ciência, como Santos Dumont o é para a invenção tecnológica. Exposições, como a realizada recentemente, sobre Einstein, vida e obra, convidam milhares de jovens, como vi lá, a se interessarem sobre essa esfera maravilhosa do pensamento humano.

Todavia, repito, o Brasil não tem que se envergonhar nem um pouco da sua cultura, e agora vai dando ao mundo exemplos de arranjos políticos próprios dessa cultura, que se desencapsularam com a prática democrática continuada, que extinguiu o monopólio de poder das elites alienadas, enamoradas dos padrões do primeiro mundo. E este mundo se vai admirando das realizações brasileiras que colocam o País na vanguarda planetária da construção da paz, que constituirá o maior desafio da humanidade nos séculos próximos, quando o crescimento produtivo será inevitavelmente reduzido e a questão da distribuição será, de longe, a mais complicada e a mais perigosa a enfrentar.

Em matéria de paz e arranjo político propiciador do consenso através da acomodação compensada, o Brasil tem vivência e sabedoria acumuladas, propiciadas pela sua cultura de valorização do tempo presente, do usufruto da vida momentânea disponível. Não há por que ter vergonha dela.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br